



CASA OPOCA

caderno anual
2022

OBSERVATÓRIO POPULAR
CIDADE DO ANJO

ASAS

EDITORIAL

O Observatório Popular Cidade do Anjo completou em 2022, 12 anos de uma utopia cujo embrião é o Movimento Capital Juvenil formado em 10 de junho de 2010. De lá para cá, trabalhamos de maneira coletiva e comunitária para superar as violações éticas que compõem e constituem a realidade de São Miguel Arcaño, como a exploração do trabalho infanto-juvenil nas grandes produções da monocultura rural, a crescente e violenta presença do crime organizado do tráfico de drogas, a exploração sexual de meninas e meninos e os nossos altos índices de abandono e exclusão escolar, dentre outras mazelas.

Durante todo ano refletimos e debatemos as seguintes perguntas: É possível pensar e construir uma outra cidade? Uma cidade que nos faça sentido? A gente acredita que sim. A partir desse nosso interior ímpar do país e das nossas identidades, da solidariedade, dos saberes e dos conhecimentos que elas carregam, viemos construindo experiências nas áreas da Cultura, da Educação, da Sustentabilidade e dos Direitos Humanos para superar as violências e fortalecer a nossa democracia a partir dos nossos cantos, becos, centros e campos e com o envolvimento de pessoas e organizações de alguns lugares do Brasil e do mundo. A Equipe OPOCA-ASAS é formada por 40 pessoas envolvidas cotidianamente em nossa Instituição e ao longo desses 12 anos, foram mais de 10 mil pessoas impactadas pelos nossos projetos e ações.

Em 2022, 8 projetos permanentes foram consolidados e realizados em distintos espaços da cidade: Casa OPOCA, Galpão OPOCA, Escolas Estaduais PEIs Nestor Fogaça e Maria Francisca Deoclécio Arrivabene, Parque Estadual Carlos Botelho, Instituto IEAOU, Bairro Jardim São Carlos, Vila Xisto e Vila Nova Esperança, além de um mosaico de atividades culturais movido pela comunidade são-miguelense no Ponto de Cultura Casa OPOCA.

Ao todo, foram mais de 300 pessoas atingidas direta e semanalmente em 2022. Foi também em 2022 que conseguimos a aprovação na Câmara de Vereadores do Projeto Nenhuma e Nenhum a Menos: Rede Municipal de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente, uma ação do OPOCA que objetiva, em 2023, fortalecer e ampliar essa política pública local e regional de proteção dos direitos da infância e da juventude e gerar alternativas às violências que afetam boa parte dos nossos territórios.

O ano de 2022 foi de consolidação de parcerias, recursos e projetos que nos permite trabalhar em 2023 com uma estrutura mais sólida para seguirmos promovendo o diálogo, a reflexão e a produção de conhecimentos de maneira compartilhada sobre a realidade para, como anunciam os nossos objetivos, a experimentação de alternativas, ações e projetos que façam sentido às pessoas envolvidas, ao meio ambiente e às comunidades. Todos os projetos e ações realizados pelo OPOCA nascem desses espaços permanentes de pesquisa e atuação e geram, em conjunto, caminhos que afirmam a dignidade e o desenvolvimento ético da vida humana, ecológica e comunitária em São Miguel Arcanjo. Assim seguiremos.

Conselho Diretor

EXPEDIENTE

Edição

Tiago Miguel Knob
Sofia Marques Medeiros

Textos

Tiago Miguel Knob
Júlia Marques Galvão
Débora Fernandes
Daniel Knob
Letícia Renault
Maísa Antunes

Design e Diagramação

Sofia Marques Medeiros

Fotografia

Débora Fernandes

Patrocínio



Apoio e Parceria



UPEA



CONTEÚDO

1 Projetos

- 1.1 A Cidade que protege as suas crianças (?)
- 1.2 Cuidado, cultivo e convivência
- 1.3 Oficina de Arte e Ativismo debate raça e etnia na arte
- 1.4 Construindo o Mapa Afetivo da cidade
- 1.5 Uma moldura para um retrato
- 1.6 Cozinha Caipira, resistência cultural
- 1.7 Outras bandeiras
- 1.8 Muros: Maria Francisca e IEAOU
- 1.9 Mural no IEAOU
- 1.10 Projeto Emergência: Rede Caipira para Sustentabilidade

2 Mosaico Cultural, a comunidade em movimento

- 2.1 Cozinha da Casa
- 2.2 Mulheres no Batuque
- 2.3 Capoeira
- 2.4 Conselho Popular da Cidade
- 2.5 Oficina de Batuque
- 2.6 Vivamarela
- 2.7 Festa dos Opoquinhas
- 2.8 Ação: Uma Cidade à Beira da Floresta

1.1 A CIDADE QUE PROTEGE SUAS CRIANÇAS (?)

PROJETO “NENHUMA E NENHUM A MENOS”

O Projeto assume como objetivo central o enfrentamento às diversas formas de violências contra crianças e adolescentes em São Miguel Arcaño que se manifestam no contexto intrafamiliar, institucional, rural e urbano.

Texto por Tiago Miguel Knob



No dia 23 de novembro de 2022 foi aprovado por unanimidade na Câmara de Vereadores de São Miguel Arcanjo o projeto **“Nenhuma e Nenhum a Menos: a criação da Rede Municipal de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente e do Plano Municipal de Enfrentamento às Violências Contra a Criança e o Adolescente”** elaborado e proposto pelo OPOCA/ASAS para ser iniciado em 2023. O Projeto está pautado no Capítulo VIII, que trata das Emendas Parlamentares Impositivas da Lei nº 4.826, de 30 de junho de 2022, que dispõe sobre as Diretrizes Orçamentárias do Município para o próximo ano.

Com recursos destinados pelos vereadores Luiz Antônio França, Gil Sales, Cid José Ferreira, José Alexandre, Guina Castilho da Silva (da Abaitinga) e Júlio César Buscariol, o Projeto assume como objetivo central o enfrentamento às diversas formas de violências contra crianças e adolescentes em São Miguel Arcanjo que se manifestam no contexto intrafamiliar, institucional, rural e urbano. A ação se propõe a criar, em comunidade e de maneira coletiva, estruturas e caminhos para superar as principais mazelas que afetam a infância e a juventude locais: **a exploração do trabalho, a exploração sexual de meninas e meninos, a violência de gênero, a violência doméstica, a insegurança alimentar, a presença violenta e coercitiva do crime organizado do tráfico de drogas**, dentre outras. O pano de fundo da ação é o contexto de alta vulnerabilidade social da cidade de São Miguel Arcanjo e os reflexos do cenário pandêmico que têm agravado as situações sociais de violência e aprofundado ainda mais as desigualdades sócio-econômicas.



*Reunião do OPOCA com vereadores na Câmara de Vereadores.
Fonte: Câmara Municipal de São Miguel Arcanjo.*

O Projeto Nenhuma e Nenhum a Menos é uma ação do eixo de Direitos Humanos do Observatório Popular Cidade do Anjo, e nasce da demanda de comunidades organizadas e institucionalizadas no OPOCA/ASAS que há mais de 12 anos caminham para compreender e superar essas formas de violências. As discussões com os vereadores na Câmara Municipal duraram alguns meses, envolveram representantes do **Conselho de Mães, do Conselho de Jovens, do Conselho Diretor e do Departamento Científico do OPOCA** e resultaram nessa conquista da comunidade organizada são-miguelense que, forçando a democracia, encontraram com os vereadores os meios possíveis para iniciar o enfrentamento a esses desafios.

O contexto em que o Projeto se impõe

São Miguel Arcanjo está entre as cidades mais castigadas do Estado de São Paulo. Apesar de passar boa parte da segunda década do século XXI como o terceiro maior PIB agropecuário do Estado de São Paulo, São Miguel Arcanjo, segundo o IBGE, possuía o dobro da sua média de extrema-pobreza, e, segundo a Fundação Seade, estava entre as suas cidades mais desfavorecidas socialmente: em níveis de renda, educação e saúde, numa escala de um a cinco, quando um representa melhores indicadores sociais e cinco piores, São Miguel Arcanjo ocupava, na década citada, o grupo cinco.

Com cerca de 35% (11.089 pessoas) da população em condições de alta vulnerabilidade social e outros 35% (10.835 pessoas) em situação de vulnerabilidade social, o município possui os piores níveis de desenvolvimento humano do Estado de São Paulo: o IDH de São Miguel Arcanjo ocupava, na década passada, a posição 534 das 645 cidades paulistas analisadas pelo IBGE.

Sem um programa de políticas públicas voltado à geração de trabalho, emprego e renda, o salário médio mensal da população em 2020, segundo o

IBGE, era de 1.8 salários mínimos e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 13.7%. Na comparação com os outros municípios do estado, estava entre os mais lesados: ocupava as posições 568 de 645 e 522 de 645, respectivamente. Já na comparação com cidades de todo o país, ficava na posição 3161 de 5570 e 2518 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 38.6% da população nessas condições, o que o colocava entre as piores cidades neste quesito: 60 de 645 dentre os municípios do estado do Estado de São Paulo.

Movida essencialmente por uma economia baseada na grande produção da monocultura agrícola, a exploração do trabalho infanto-juvenil local em algumas lavouras do município e de cidades vizinhas promove não apenas a violência de um dos trabalhos mais prejudiciais para a saúde humana segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (a colheita de raízes, em especial, em São Miguel Arcanjo, da batata), mas, dentre outras mazelas, índices acima das médias estadual e nacional de evasão e exclusão escolares: **cerca de 70% da juventude de São Miguel Arcanjo entre 18 e 24 anos não concluiu o ensino médio na última década.**

Castigada por um modelo político, econômico e social compreendido pelo Observatório Popular Cidade do Anjo como Agrossistema, que ajuda a promover a grande quantidade de pessoas em situação de vulnerabilidades sociais, aliada à cultura do patriarcado e do racismo, à ausência de programas de prevenção, proteção e atendimento à criança e ao adolescente, o município produz e reproduz diversos tipos de violências no seio das comunidades. A exploração sexual de meninas e meninos, a violência de gênero, a ampla presença do crime organizado do tráfico de drogas, a insegurança alimentar e nutricional em diversos graus de dramaticidade humana, chegando à desnutrição e à fome e a exploração do trabalho são algumas delas. Como medida dessa realidade, apontamos a média de gravidez na adolescência como quase o dobro da média do Estado, e a quantidade de jovens de São Miguel Arcanjo em medida socioeducativa em meio fechado equivalente a cidades com até 100 mil habitantes. Segundo dados do Conselho Municipal de Assistência Social, 95% desses jovens foram detidos por envolvimento com o crime organizado do tráfico de drogas.

Como um canto oculto e possuindo um dos piores indicadores sociais do Estado de São Paulo, a infância e a juventude da cidade de São Miguel Arcanjo estão entre as principais vítimas da ausência de políticas públicas, recursos, projetos e programas de proteção, cuidado, prevenção e alternativas às realidades que as ferem e às impulsionam para uma precária saúde mental/emocional; para a auto mutilação, suicídio e tentativa de suicídio; para o crime organizado do tráfico de drogas; para a exploração do trabalho; para a exploração sexual; para a ausência de perspectivas e sonhos, dentre tantas outras violências.

*Trabalho de jovens na Oficina de Arte e Ativismo.
Foto de Débora Fernandes.*



A superação que a gente precisa

O Projeto Nenhuma e Nenhum a Menos pretende discutir, aprofundar e compreender, em comunidade, de maneira coletiva e compartilhada essas questões que é para a cidade se tornar capaz de buscar soluções para superar o que há de mais perverso no íntimo da nossa forma de viver, conviver e de se organizar em sociedade. Dentre as frentes de ação estão a realização de um diagnóstico situacional e de um mapeamento de instituições públicas, privadas e comunitárias que atuam com crianças e adolescentes; um mapeamento das instituições que garantem os direitos da criança e do adolescente e das que precisam ser criadas; a capacitação de trabalhadoras e trabalhadores da área; o envolvimento popular e o envolvimento de crianças e adolescentes na criação da Rede de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente através de oficinas de artes temáticas e de Rodas de Conversa, dentre outras frentes.

O Projeto conta com a parceria do Observatório.pt do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; do Núcleo de Estudos, Pesquisa, Extensão e Assessoria sobre Infância e Adolescência da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Nepia); do Instituto Biocultural Homo Serviens e da Escola Estadual Nestor Fogaça.

Se seremos ou não uma cidade que protege as suas crianças, vai depender da nossa capacidade de aprender, de buscar e produzir conhecimentos, de se organizar e de investir recursos públicos e privados no que nos faz sentido: na proteção e no desenvolvimento ético da criança, do adolescente e da juventude.

1.2

CUIDADO, CULTIVO E CONVIVÊNCIA

PROJETO “FÊNIX”

Na mitologia grega, a Fênix é um pássaro especial: em vida, é capaz de carregar pesos imensos durante o voo e suas lágrimas possuem poderes curativos extraordinários, regenerando feridas. Mas o que a torna ainda mais especial é o que acontece quando a Fênix está prestes a morrer: quando sua vida está quase chegando ao fim, ela entra em combustão – seu corpo vira cinzas e, dessas cinzas, um novo pássaro renasce.

Texto por Letícia Renault



*Trabalho de jovens na
Oficina de Arte e Ativismo.
Foto de Débora Fernandes.*

O Projeto Fênix partiu dessa inspiração e desse desafio: **como ressurgir das cinzas depois de se carregar tanto peso? Como fazer das lágrimas uma matéria para regeneração?** O Projeto Fênix oferece espaços de escuta e acolhimento psicossocial para quando essas perguntas se tornam um desafio no cotidiano – quando o dia-a-dia se torna pesado demais para ser carregado sozinho. Tal como a ave mitológica, esses espaços de escuta buscam transformar a dificuldade em recurso, fazendo com que o que pareciam apenas cinzas se torne, de novo, uma fonte de vida e de renovação. Com atendimentos semanais ou quinzenais, individuais ou em grupo, realizados por profissionais especializados (terapeutas e psicólogas), o Projeto Fênix destina-se a cuidar desses momentos em que a vida parece estar pesada demais e nos quais é preciso um apoio para se seguir em frente.

Para contar um pouco da história de como nasceu o Projeto, é preciso dizer que ele foi fruto do trabalho do **Núcleo de Acompanhamento do Opoca**. O Núcleo busca mapear e entender melhor as diversas práticas de cuidado que se fazem presentes cotidianamente em todas as atividades do Opoca: seja nos espaços de convivência, seja nas oficinas, os gestos de cuidado se multiplicam, sempre tendo como horizonte o acolhimento do Outro, o compartilhamento de experiências e o apoio mútuo. Através dessas práticas, buscamos criar coletivamente estratégias para lidar com as dificuldades e fazer delas uma motivação para o aprendizado e a transformação de si e do mundo.

Com o trabalho do Núcleo de Acompanhamento, entendemos que, em alguns casos, demandava-se um cuidado adicional. Em alguns momentos, as dificuldades podem se apresentar de forma mais intensas; nesses momentos, que podem ocorrer com qualquer um e qualquer uma, é importante poder contar com alguém em quem confiamos para escutar nossas experiências e nos ajudar a transformá-las. Uma relação de respeito e confiança pode ajudar a inventar um novo destino para as dificuldades e impedir que elas nos paralisem.

Essa escuta oferecida por alguém em quem confiamos é tão importante nesses momentos e faz tanta diferença que percebemos ser preciso criar um dispositivo só para ela. Assim nasceu o Projeto Fênix, uma das muitas práticas de cuidado do Opoca. Ele serve a qualquer pessoa que, em determinado momento, possa se beneficiar de um espaço para cuidar de si e de suas experiências, com o apoio dessa escuta acolhedora e sem julgamento.

Esses espaços de cuidado são criados em conjunto com a terapeuta. O acompanhamento pode durar o tempo que for preciso – algumas pessoas tiveram atendimentos semanais só por um período, outras preferiram continuar com um acompanhamento mais regular, por um período mais longo. O espaço de escuta está disponível pelo tempo que for necessário. Também é importante dizer que tudo o que é



Trabalho de jovens na Oficina de Arte e Ativismo. Fotos de Débora Fernandes.

conversado nesses espaços é confidencial: o que é dito é escutado com respeito, acolhimento, sem qualquer tipo de preconceito ou julgamento e não é compartilhado com mais ninguém, caso não se queira. Pode-se falar de tudo o que se quiser: experiências difíceis, dolorosas ou também alegres. É um espaço para compartilhar com alguém em quem se confia aquilo que precisa de cuidado para que possa renascer.

*Trabalho de jovens na
Oficina de Arte e Ativismo.
Foto de Débora Fernandes.*



O Projeto Fênix se apoia em diversas práticas que apostam na busca pelos recursos já disponíveis na situação em que estamos – mesmo que a situação pareça à primeira vista muito precária e sem alternativas. Mais uma vez, nossa inspiração é a Fênix, que busca nas cinzas as forças para ressurgir. Assim, trabalhamos à espreita do que podemos chamar de “recursos residuais” (Hellal & Lemaire, 2016), ocupando-nos da reconstrução dos laços de confiança (Chauvenet, Despret & Lemaire, 1996), mesmo quando esses se encontram esgarçados e desgastados pelas múltiplas violências que afetam nosso cotidiano. Como norte, nossa aposta é formação de redes, que são para nós ao mesmo tempo agentes e alvos de cuidado, em uma abordagem que podemos chamar de “Trabalho Terapêutico de Rede” (Hellal & Lemaire, 2016). Para nós, isso é importante porque não entendemos os sofrimentos e dificuldades como exclusivamente pessoais. Embora vividas de maneira individual, essas experiências afetam a todos e todas nós, ainda que de maneiras diferentes. Muitas das dificuldades que enfrentamos estão ligadas a problemas sociais e políticos ou às violências que atravessam nosso cotidiano. Assim, as redes nos lembram que essas experiências com que lidamos não são uma patologia individual ou o sintoma de uma doença; essas experiências apontam para uma dimensão coletiva, comum (Passos, 2020) e demandam um cuidado a ser construído coletivamente.

Assim, o Projeto Fênix está em permanente construção. No momento, contamos com três terapeutas e uma supervisora, temos 7 atendimentos em curso (entre atendimentos semanais e quinzenais). E estamos trabalhando para acolher uma demanda crescente, porque entendemos ser fundamental acompanhar a quem quer que esteja precisando de apoio para fazer das dificuldades uma fonte de transformação e renascimento.

Referências

CHAUVENET, Antoinette.; DESPRET, Vinciane.; LEMARIE, Jean-Marie. (orgs) Clinique de La reconstruction, Paris, L'Harmattan, 1996.

HELLAL, Selma & LEMAIRE, Jean-Marie. De proche en proche. Proximité et Travail Thérapeutique de Réseau en Algérie. Alger: éditions barzakh, 2016.

PASSOS, Eduardo. “Os dispositivos clínico-políticos e as redes no contemporâneo.” Rev Entre-Linhas do Conselho Regional de Psicologia CRP-07 1.2 (2020).

1.3

OFICINA DE ARTE E ATIVISMO

DEBATE RAÇA E ETNIA NA ARTE

Todas as quartas-feiras à tarde há muita conversa, prosa e criação no ateliê de arte da Casa OPOCA movimentado pela Oficina de Arte e Ativismo, ação mediada pela artista e educadora Débora Fernandes. Durante todo o ano temas como **racismo, feminismo, ativismo político, LGBTQIAPN+**, dentre outros são discutidos através da arte e de coletivos artísticos e culturais.

Texto por Débora Fernandes



*Trabalho de jovens na
Oficina de Arte e Ativismo.
Foto de Débora Fernandes.*



*Coletivo da Oficina de Arte e Ativismo.
Foto de Débora Fernandes.*

O tema dos encontros de agosto foi Raça e Etnia na Arte. A primeira referência para iniciarmos o debate foi a vídeo-performance **Transmutação da Carne** do artista baiano Ayrson Heráclito. A obra denuncia a terrível prática de marcar/machucar a pele e a alma de pessoas negras escravizadas no século XVI. Debates, também, outros artistas como Tiago Gualberto que revisa e problematiza as expressões racistas que estão no nosso cotidiano desde o período da escravização, como: “coisa de preto”, “ovelha negra”, “criado mudo”, “mulata”, etc. O artista imprime essas frases sobre filtros de café criando uma sobreposição com gravura de rostos de pessoas negras. No formato instalação, o espectador retira um filtro de dentro do outro sendo provocado a pensar que atrás destas expressões racista há o corpo e a alma de um sujeito negro/a. Abaixo, acessamos as gravuras com rostos de sujeitos negros/as impressos em filtros de café criados pelo coletivo da oficina.

Na Oficina de Arte e Ativismo, focalizamos, também, produções de artistas indígenas, como Gustavo Caboco que cria gravuras exaltando as relações entre comunidades indígenas e suas terras de origem, suas ancestralidades e suas conexões com a natureza. Dialogamos sobre a série **Amazônia** de Jaider Esbell que reflete acerca do avanço industrial sobre a floresta e territórios indígenas. Vimos **Carta ao velho mundo** de Esbell, onde o artista revisa livros sobre a história do Brasil mostrando-nos que a história tradicional de que o Brasil foi descoberto pelos europeus apaga a existência e narrativas dos povos indígenas que já viviam aqui. Nesse sentido, o artista apresenta outra narrativa histórica onde os povos originários são os protagonistas, estes, já estavam nesse território muito antes de qualquer caravela chegar pelo Atlântico. Após dialogarmos acerca destes acervos, o coletivo da oficina realizou uma intervenção com colagem

e desenho sobre uma enciclopédia antiga reformulando a história através da arte, criaram páginas com o protagonismo de caciques e xamãs indígenas, senhoras-avós e crianças indígenas, os povos originários como os primeiros habitantes desse solo. Além disso, destacou-se entre os grafismos dos trabalhos a pauta essencial da luta indígena: “Demarcação Já”.



*Visita Beatriz Beisiegel.
Foto de Débora Fernandes.*

No dia 19 de agosto, sexta-feira à tarde, houve a montagem da terceira exposição com os trabalhos da Oficina de Arte e Ativismo. Expusemos os trabalhos de agosto, são eles: os rostos negros em filtros de café e as páginas revisadas da enciclopédia histórica.

No dia 24 de agosto, na Oficina de Arte e Ativismo, recebemos uma convidada super especial para aprofundar o debate sobre a proteção da floresta e ativismo ambiental, Beatriz Beisiegel é bióloga e pesquisadora no Parque Estadual Carlos Botelho há mais de 20 anos. Bia nos contou sobre a vida na floresta através de seus objetos de pesquisa, o cachorro do mato e a onça pintada, detalhou sobre os modos de vida desses seres, como eles vivem na floresta, como eles se tornaram alvo de caça e como eles vem correndo riscos frente ao tráfico de animais silvestres e avanço do garimpo e desmatamento na floresta. Vimos diversos vídeos e fotos captados pela pesquisadora, percebemos que ela acompanha um animal em todo o seu ciclo de vida observando diariamente os seus rastros na floresta. Após a conversa, a proposição prática foi a criação de uma carta endereçada à terra, onde o coletivo da oficina fez uma mensagem de conscientização à nossa vasta natureza.



Visita Beatriz Beisiegel. Foto de Débora Fernandes.

*Visita Celso Santos
Foto de Débora Fernandes*

No dia 26 de agosto houve uma ação de extensão da Casa OPOCA na Escola Nestor Fogaça. Nos reunimos, um grupo de oito pessoas da Oficina de Arte e Ativismo, alguns da Escola Arrivabene, outros da própria Nestor mais o Grêmio Estudantil da escola (composto por 9 pessoas) para um momento de partilha dos trabalhos de arte feitos na oficina até o presente momento. A primeira proposta de intervenção dentro da Escola Nestor Fogaça foi sugerida pelo grupo da Oficina de Arte e Ativismo, criamos, portanto, uma dinâmica de diálogo acerca do que é preconceito de raça/gênero/classe e como combater estes no ambiente escolar. Cada integrante da oficina falou do seu próprio trabalho mostrando-o e contando sobre as reflexões envolvidas. Houve professoras assistindo com questões e comentários muito pertinentes. Na sequência, alguns xerox de cartazes foram colados no corredor da escola.





Visita Celso Santos. Foto de Débora Fernandes.

No dia 31 de agosto (quarta-feira), na Casa OPOCA, recebemos outro convidado admirável, o fotógrafo documentarista e produtor artístico Celso Santos de Itapetininga/SP. Diretor de Comunicações da Mandinga Produções Artísticas e Consultor de Comunicações do Núcleo de Cultura Afro-Brasileira da UNISO, Celso nos contou em detalhes o que é a fotografia documental e como essa linguagem se caracteriza enquanto ferramenta política e de crítica social nos ativismos urbanos atuais, sobretudo, na luta racial negra e indígena.



*Caminhada
fotográfica.
Foto de Débora
Fernandes.*

Conhecemos uma série de artistas e coletivos de fotógrafos e filmes apresentados por Celso, como: Antimídia, Michele Minerbo, Juliana Pacheco, Sebastião Salgado e Matheus Alves. Além de conhecer diversos trabalhos do próprio artista que já fotografou eventos, coletivos culturais e mobilizações sociais em diversas cidades do interior do estado de São Paulo e, também, manifestações sociais na capital, com destaque ao ato pela vida de Moïse Kabagambe, um jovem negro congolês de 24 anos que veio para o Brasil como refugiado político com a mãe e os irmãos em 2014 e foi assassinado na Barra da Tijuca/RJ ao cobrar o pagamento atrasado de serviços feitos em quiosque da praia. Celso participou da mobilização pela vida de Moïse na Avenida Paulista em São Paulo efetivando um acervo de fotografias muito potentes e reflexivas, as quais chamou a atenção do coletivo da oficina.

A conversa foi riquíssima, pois os nossos jovens puderam conhecer na prática o que é fotografia documental que efetiva um projeto de arte política. Na sequência, Celso compartilhou a sua proposição prática que foi sair pelas ruas da cidade em busca de ângulos precisos para fotografias documentais. Celso estendeu um tempo de duas semanas para o grupo enviar suas fotos documentais no drive OPOCA, as quais serão tema de uma outra oficina de colagem.

Assim fechamos o vasto agosto com os tantos movimentos apresentados nessa news. Foi muito gratificante e satisfatório reviver as ações do OPOCA nessa escrita.

Caminhada fotográfica. Foto de Débora Fernandes.



1.4

CONSTRUINDO O MAPA AFETIVO DA CIDADE

Às segundas e quintas-feiras, os 9º, 1º e 2º anos do Colégio Objetivo São Miguel Arcanjo, sob a coordenação da Professora **Júlia Marques Galvão**, Diretora Cultural do OPOCA, vêm à Casa OPOCA para as suas aulas de Eletiva de Cultura e Patrimônios.

Texto por **Júlia Galvão**



*Didi, artista sãomiguelense
Foto de Júlia Galvão*



*Caminhada pela cidade
Foto de Júlia Galvão*

A proposta da eletiva de Cultura e Patrimônios, dentre outras várias possibilidades que estes temas oferecem, é observar a cidade. Não só olhar com os mesmos olhos entediados pelo dia-a-dia e a monotonia da rotina, mas sim reparar, como já nos orientou José Saramago em seu prólogo no livro “Ensaio sobre a cegueira”. Assim, como faziam os discípulos do filósofo Aristóteles que tinham aulas e discutiam enquanto caminhavam, fizemos algumas caminhadas para observar e reparar São Miguel Arcanjo. Isso foi muito simbólico depois de um bom tempo de confinamento, em que o corpo pedia e pede movimentação e contato com o chão e as paisagens.

Segundo a coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ, Gisele Arteiro, as cidades vêm perdendo sua vitalidade e a possibilidade de desfrute do espaço aberto e público. “O desenvolvimento urbano tem promovido um cotidiano cada vez mais preenchido por atividades que enclausuram e privatizam a infância”. Seguimos esse modelo sem pensar nos avanços e retrocessos das modificações que a cidade vem sofrendo e os impactos que isso tem no cotidiano dos jovens, crianças, adultos e idosos.

Existem diferentes estudos que se debruçam na compreensão do urbano que trazem novas possibilidades e olhares sobre as questões econômicas, sociais, culturais e éticas. Por em evidência o entorno a partir dos afetos é promover o encontro entre o ser e a cidade, dando atenção ao que conhecemos, nossa percepção e orientação, ao mesmo tempo em que estimula o diálogo sobre a possibilidade de desenvolver o pensamento ético-afetivo sobre a cidade.



*Caminhada pela cidade
Fotos de Júlia Galvão*



*Construção do Mapa Afetivo na Casa OPOCA.
Foto de Júlia Galvão*

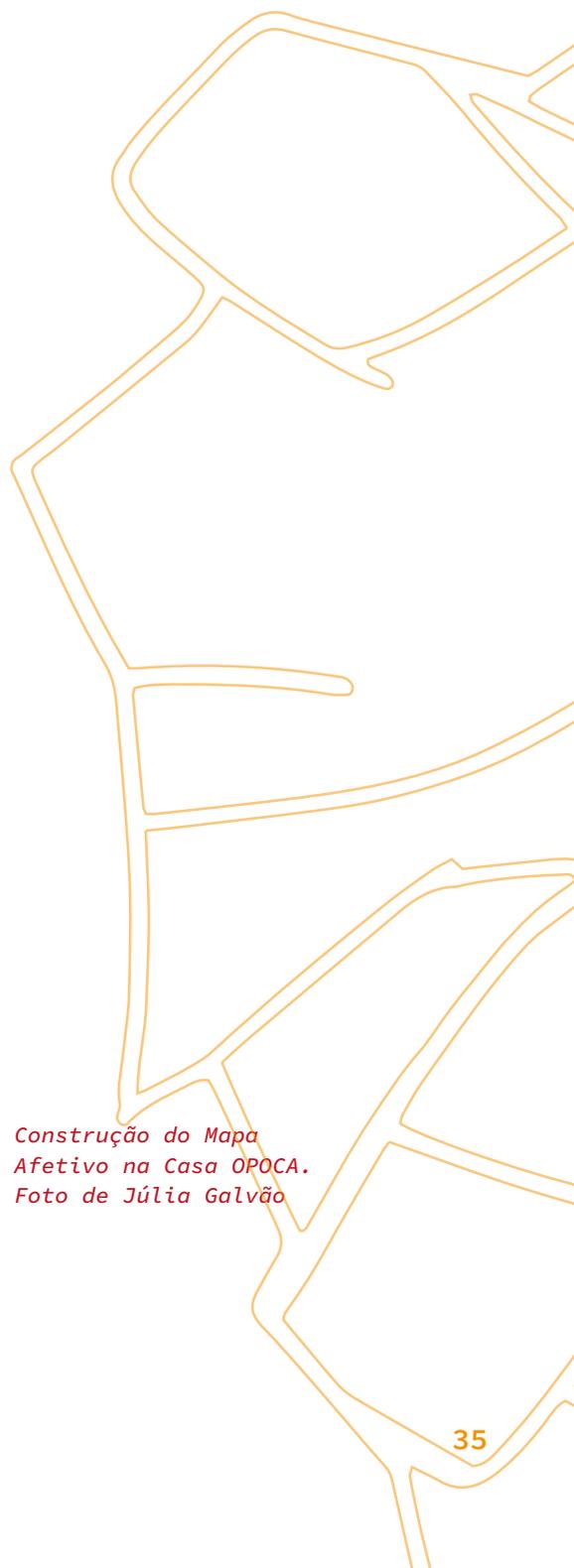
Fazer o nosso próprio Mapa Afetivo proporciona uma troca de conhecimentos sobre o nosso território, os pontos em comum; nos faz nos conhecer melhor e cria vínculos e sentimentos de pertencimento sobre o espaço e sobre as pessoas. Também traz a possibilidade, segundo Ana Paula do Val, de ler o território como produto de múltiplas temporalidades, percepções e apropriações, que desencadeiam narrativas antagônicas, convergentes, consensuais e conflitantes e por isso podem revelar visões e percepções sobre o espaço que não são divulgadas

e evidenciadas pelos grupos hegemônicos. Fazer esse exercício de se colocar no mapa e refletir sobre o seu lugar neste mapa suscita o questionamento sobre o seu conhecimento sobre o território, as redes que você utiliza, a sua fruição do espaço público, o acesso e a privação de acesso, a sua representatividade identitária, de etnia, classe, gênero, etc.

Fomos a lugares escolhidos pelos alunos que fazem parte de seu cotidiano, e no Mapa desenhado por eles, foram trazidos uma síntese dos lugares e das pessoas que constroem os vínculos afetivos com o espaço urbano e com a sua história individual e coletiva. Muitas vezes, considera-se patrimônio apenas o grande monumento, enquanto o conceito abrange também o pequeno campo de futebol, a pista de skate, um parque, uma rua, a casa de um amigo... **Em nosso Mapa Afetivo, é revelado a nossa visão e os nossos sentimentos sobre a cidade.**



A Eletiva de Cultura e Patrimônios da Escola Objetivo de São Miguel Arcanjo é ministrada pela Professora Júlia Galvão e tem parceria com a Casa OPOCA.



Construção do Mapa Afetivo na Casa OPOCA. Foto de Júlia Galvão

1.5

UMA MOLDURA PARA UM RETRATO

“TUDO É POÉTICO NA MEDIDA EM QUE SE
CONFESSA UM DESTINO”

Borges

Assim tem sido os encontros de *Mulheres em Prosa*, um lugar de construção de uma moldura comum que nos caibam a todas, porque são nesses encontros que as nossas histórias se cruzam e se costuram de alguma forma, dando-nos a sensação de que estamos juntas nos posicionando para um retrato que vai nos ligar para sempre. Um movimento em que nos sentimos parte uma da outra, um exercício de reconhecimentos, tanto entre nós, como entre cada uma de nós e os escritos de poetas que passaram por nós.

Texto por Maísa Antunes



*Encontro Mulheres em Prosa
Foto de Débora Fernandes*

Encontro
Mulheres em Prosa
Foto de Débora Fernandes



Desde 2021 estamos construindo este lugar, onde podemos nos abrir, trazendo nossas narrativas, encontrando um campo de cumplicidades, a partir das semelhanças de histórias contadas nos contos, crônicas e diários partilhados, alcançando assim uma intimidade sem corromper a interioridade, como nos fala a filósofa Maria Zambrano, em ***A metáfora do coração***. E foi nesse percurso que Sílvia confessou que agora entende e gosta dos encontros ***Mulheres em Prosa***: “a gente interpreta a história de alguma escrita, as escritas são algo que tem a ver com a gente e com a nossa vida.”

No ano de 2022, começamos nossos encontros, quinzenalmente, às quartas-feiras, das 15h às 17h; durante este período aprofundamos nossa convivência com os escritos de Carolina Maria de Jesus, através de seu Diário, ***Quarto de Despejo – diário de uma favelada***. Com Carolina partilhamos nosso cotidiano, e o contemplamos com graça e lucidez. Com Carolina tivemos muitas verdades e seus escritos entraram em nossas bocas, então mastigamos e repetimos com ela: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças”. E ruminando esse pensamento da poeta, Sílvia nos devolve outro pensamento: “a fome não se mata só com arroz e feijão, existem diversas fomes”.



*Encontro Mulheres em Prosa
Fotos de Débora Fernandes*



*Encontro
Mulheres em Prosa
Foto de Débora
Fernandes*

Foi com Carolina que falamos sobre o dia 13 de maio, Carolina escreveu em 1958, “eu lutava contra a escravatura atual – a fome”, e nós chegamos a conclusão, infelizmente, que nos dias de hoje a escravatura atual ainda é a fome. Neste dia, aprendemos muito com Carolina, a poeta mesmo inserida em uma realidade tão difícil, enche nosso coração de esperança, parafraseando a frase de Casemiro de Abreu “Chora criança, a vida é amarga”, nos diz “Ri criança, a vida é bela”. Mas também tivemos um tanto de revolta, por nos vermos dentro de uma sociedade que nos culpa pelas carências que temos, pelas fomes que nos atingem. Então nossa imaginação entra em cena:

- Imagina a Carolina Presidente?
- Ah, teve a Dilma!
- Mas a Carolina iria entender o que a gente passa.

Depois de atravessarmos trechos do diário de Carolina Maria de Jesus, fomos para os escritos do poeta Edmar Conceição, lendo e convivendo com as crônicas do poeta a partir do seu livro ***Conversas com o meu filho autista***. E foi por dentro das palavras de Edmar que abrimos fendas para contemplar a escola, as crianças, as pessoas adultas, o afeto, a diferença, a indiferença, e tudo a partir da perspectiva de Caio e das histórias que Edmar nos ofereceu. Uma experiência sensível que passamos juntas foi o susto de perceber que quem escrevia era um homem, era o pai que nos entregava de forma muito honesta e generosa todo o sentimento vivido na convivência com seu filho Caio. Por último fomos brindadas com um encontro (remoto) com Edmar Conceição, um momento que ampliou nossa sensibilidade e nossa amorosidade em torno da nossa convivência com cada criança que temos em nossas casas, sejam elas especiais ou não, aliás, nesse dia Sônia, Júlia e Cidinha, sensibilizadas pelas crônicas de Edmar, nos fizeram perceber que todas as crianças são especiais.



Encontro Mulheres em Prosa. Foto de Débora Fernandes



Encontro Mulheres em Prosa. Foto de Débora Fernandes

Fechamos nosso ciclo de leitura olhando com muito espanto e curiosidade os escritos de uma menina chamada Anne Frank, uma adolescente alemã de origem judaica. Começamos a ler seus escritos do primeiro dia registrado em seu Diário, um presente de aniversário, que Anne batizou de Kitty. Ela sempre começa assim: **Querido Kitty**. Anne conta tudo que passa pelo seu coração e sua mente, conta o cotidiano, fala de suas experiências nos lugares (na escola, em casa, na rua), e com as

pessoas. Anne Frank tinha um jeito muito direto de falar sobre as pessoas (membros da família, amigos, amigas e colegas de escola), que chegava a ser engraçado. Nessa fase da escrita rimos muito com Anne, e brincamos: se seu fosse amiga de Anne Frank o que ela diria de mim?



Anne Frank escreveu na primeira folha de Kitty, em 12 de junho de 1942, “espero poder confiar-te tudo, como nunca pude confiar em ninguém, e espero que venhas a ser uma grande fonte de conforto e apoio”, e Kitty foi essa fonte de conforto e apoio. Ter as folhas em branco de Kitty para contar-lhe tudo era uma espécie de alívio para Anne e para nós também; para a humanidade, mesmo que dolorosamente, foi uma forma de testemunhar uma história, que nunca, nunca deverá ser repetida.

*Encontro
Mulheres em Prosa.
Fotos de Débora
Fernandes.*

Fomos seguindo os passos de Anne Frank através dos registros nas folhas em branco de Kitty. O Diário ia aos poucos revelando um destino sombrio, as palavras de Anne ia deixando-nos entrever um temporal que cercava Anne, sua família, e amigos de origem judaica, eles tiveram que viver escondidos, e infelizmente, foram, entregues a Gestapo. Anne foi, posteriormente, levada com sua irmã para Bergen-Belsen, onde morreram. Essa história fez um nó em nossa garganta, e a nossa garganta parecia uma só, com muitos sentimentos represados e o medo de uma neo-ditadura em nosso país.

Mulheres em Prosa nos abre um lugar, não apenas físico, mas também emocional, para ancorarmos nossas histórias, a sensação é de que o OPOCA é uma espécie de fenda que abrimos na realidade, e como temos o poder de encontrar essa fenda, porque ela existe, nutrimos a sensação de salvação, de moradia, de acolhimento, um lugar de partilha, coletividade e confiança. E é com este clima que nos confessamos entre nós, e como confessamos nosso destino, alimentamos a dimensão poética da nossa história. Fizeram parte dessa roda de prosas, nessa temporada, **eu (Maisa), Cidinha, Júlia, Maria José, Sônia, Liana, Amanda, Sílvia, Valéria, e Cristiane.**

*Encontro
Mulheres em Prosa.
Fotos de Débora
Fernandes.*



1.6 COZINHA CAIPIRA, RESISTÊNCIA CULTURAL

A culinária caipira traz consigo valores comunitários, solidários, de mobilização social, que nos interliga aos tempos antigos, das práticas culturais do fazer junto, do descascar as batatas em roda, de ralar o milho, das conversas e trocas ao redor das panelas quentes, do comer em grupo numa mesa grande. Em muitos casos, essa prática ocorre com a intenção de ajudar alguém ou alguma causa: a comunidade, a igreja do bairro, a associação de moradores, uma pessoa que está passando por alguma dificuldade, etc.

Texto por Júlia Galvão



*Encontro de Culinária Caipira
na Casa OPOCA com Cida Fernandes*

*Encontro
Cozinha Caipira
com Cida Fernandes*



A realização de uma receita envolve técnicas e conhecimentos próprios que podem se constituir em referências culturais para determinado grupo.

O saber-fazer bolinho de frango, Mingau de milho verde, Paçoca de carne, Virado de frango, entre outras iguarias existentes em nosso município, envolvem **técnicas e matérias primas que dizem muito sobre o meio ambiente e o modo como as pessoas interagem com ele**. Por exemplo, o milho, a farinha de milho, o frango, o cheiro verde, a batata, são elementos característicos de nosso cotidiano. Estão intimamente ligados com outras práticas culturais, como a época de colheita do milho ou alguma festividade da cidade, a atividade coletiva de ralar o milho ou de matar e limpar o frango.

Esse tipo de saber, mesmo não sendo valorizado pelas políticas públicas culturais como deveria ser, está enraizado em nossa cultura e majoritariamente nas mãos de mulheres que transmitem os seus conhecimentos de geração para geração, **promovendo um ato de resistência cultural capaz de manter e desenvolver a riqueza da cultura caipira local**, por mais que essa função não seja tão clara, necessariamente, para quem a pratica, e mesmo que o objetivo principal dessas mulheres não seja este.



Para a transmissão desses saberes, que depende unicamente de que as pessoas continuem repassando os seus conhecimentos, é preciso que sempre haja grupos distintos de pessoas aprendendo para que se mantenham vivas as referências culturais. A promoção de espaços, recursos e incentivos a esse tipo de prática são importantes para que o município desenvolva, inclusive, uma economia local mais forte, descentralizada e sustentável porque pautada na sua potencialidade e originalidade cultural.

Maria José prepara todas as terças-feiras pães caseiros para venda na Casa OPOCA.



*Encontro de Culinária
Caipira na Casa OPOCA
com o Chef Júnior do
Grupo D'ama de
Campinã.*



Dessa forma, as práticas de cozinha caipira que ocorrem no Ponto de Cultura Casa OPOCA têm essa **missão de ser um espaço em potencial para que, não apenas a técnica, mas os saberes e os valores comunitários, solidários e de mobilização social que acompanham as suas práticas sejam passados adiante e sigam nos fortalecendo coletivamente.**

1.7 OUTRAS BANDEIRAS

OFICINA DE “ARTE E ATIVISMO”:
DEBATE E ELABORAÇÃO DE
BANDEIRA RESSIGNIFICADA

Texto por Débora Fernandes



*Elaboração da Bandeira do
Coletivo Cacau na Oficina
de Arte e Ativismo.
Foto de Débora Fernandes*

*Trabalho de
elaboração da
Bandeira
do Coletivo Cacau*



19 de novembro é o dia da bandeira. Data escolhida em 1889 para homenagear a bandeira brasileira. Essa, que é o símbolo para marcar o fim do Império e o início da República, foi criada sob influência das formas e cores da antiga bandeira imperial, dado que sugere certa permanência e influência da estrutura política do passado no presente identitário republicano, além de possuir inspiração no lema positivista “o amor por princípio e a ordem por base, o progresso por fim”, realçando a obediência e hierarquia como premissa de desenvolvimento. Há, neste contexto de surgimento da bandeira, pontos a se questionar correspondentes a resquícios do período imperial e superioridade de alguns grupos sobre outros, no entanto, essa conversa fica para outro momento. O que se deseja debater neste texto são os eventos das últimas semanas, ligados às eleições presidenciais, onde a presença da bandeira se fez mais latente em imagens na mídia, cujas representações fazem menção direta ao fascismo. Há, inclusive, dentre estas imagens, aqueles que defendem o retorno da bandeira do império ainda monárquico e escravista do século XIX. Percebemos que o amor, lema do princípio, cai por terra, e vemos imperar a defesa do domínio colonial, o racismo e muito discurso de ódio.

A partir desses fatos recentes, o **Coletivo CACAU**, na Oficina de Arte e Ativismo, debateu sobre símbolos e gestos de apologia ao fascismo, sistema de poder autocrático, autoritário e ultranacionalista. Ao analisar estas imagens, compostas por manchetes de jornais, fotos e vídeos circulados nas redes sociais, constatamos que de fato os signos sugerem pacto, identificação e elogio à ideologia fascista. O exemplo mais marcante e que se manifestou repetidas vezes foi a nossa bandeira do Brasil com o elemento da suástica. Símbolo proibido em território nacional sob a lei 7.716/1989, segundo a qual é crime *fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo*. Além disso, a lei se complementa com *praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião de/com procedência nacional*. Situações essas de discriminação que testemunhamos como violência contra sujeitos negros, mulheres, comunidade LGBTQIAP+, periféricos e nordestinos após o resultado das eleições. A bandeira nacional sobreposta com a suástica e as saudações nazistas se assume como marca de um grupo que comete tais crimes de intolerância.



Publicação
Jornalistas Livres

Bandeira do Brasil apreendida
em Passos, Minas Gerais

Em seguida, conversamos sobre o relatório feito recentemente pelo Observatório Judaico dos Direitos Humanos no Brasil onde lemos sobre um aumento alarmante de violências antissemitas, neonazistas e de caráter fascista entre 2019 e 2022, nas quais se realçam racismo, homofobia, xenofobia, entre outras formas e alvos de intolerância. Os objetivos deste relatório é mapear, classificar, documentar e denunciar violações aos Direitos Humanos e atentados à Democracia. Para ler o material completo, clique na imagem ao lado.

Relatório de Eventos Antissemitas e Correlatos no Brasil

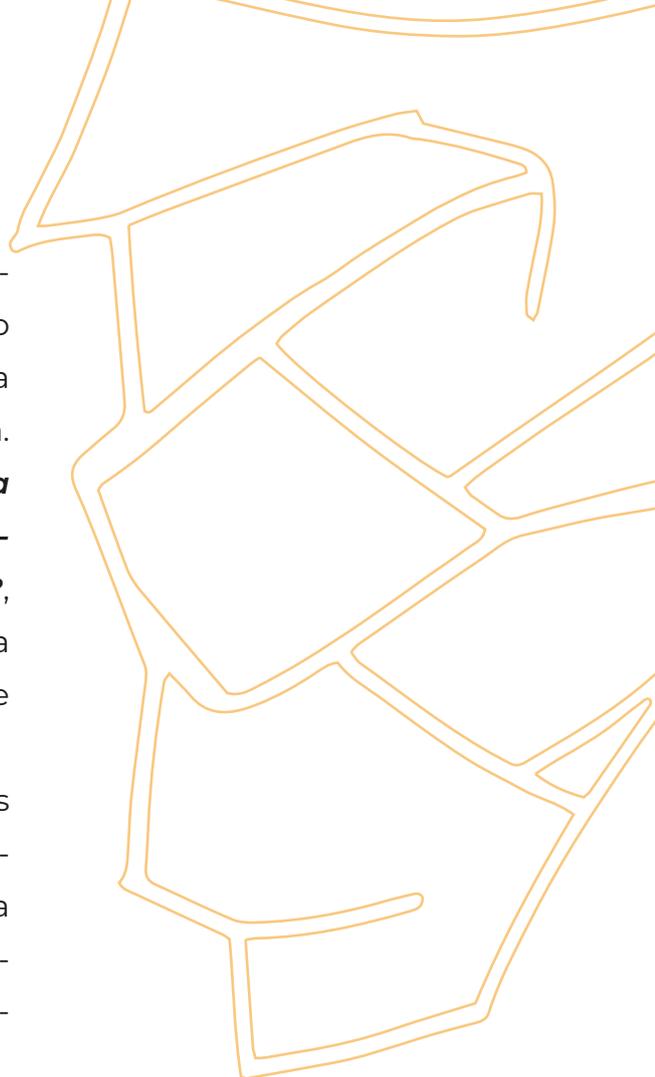


Para reforçar o quão problemática é a representação da suástica, debatemos acerca de um vídeo curto sobre a campanha internacional #PAINTBACK feita pelo artista e ativista alemão Ibo Omari de apagamento da suástica, resignificando-a na composição de outros desenhos. Isso demonstra o quão repudiada é a suástica em território alemão, e assim deveria ser também em todo o mundo, pois, uma vez mais, enfatiza a ideologia da violência e do racismo.



Iniciativa #PAINTBACK da associação berlinense "Die Kulturen Erben e.V."

Como modo de questionar as recorrentes bandeiras do Brasil com simbologia violenta, nós, enquanto Coletivo, decidimos criar a nossa própria bandeira como avesso da bandeira oficial verde e amarela. Através das perguntas: ***De que maneira a bandeira do Brasil faria mais sentido pra nós? De que maneira a bandeira do Brasil nos representaria?***, questionamos, assim, o passado e o presente da semântica empregada na bandeira com o intuito de criar novos sentidos e compor a nossa própria. Para nos inspirar, vimos um acervo de bandeiras ressignificadas feitas por artistas visuais contemporâneos e coletivos culturais. A bandeira verde e rosa da Escola de Samba da Mangueira, em 2019, reformula como nova ordem e novo progresso o protagonismo dos “índios, negros e pobres”.



Leandro Vieira, Índio, Negros e Pobres, 2019, bandeira de tecido





*Desali, **Bandeira Nacional**, 2021, esponjas e limpadores de chão.*



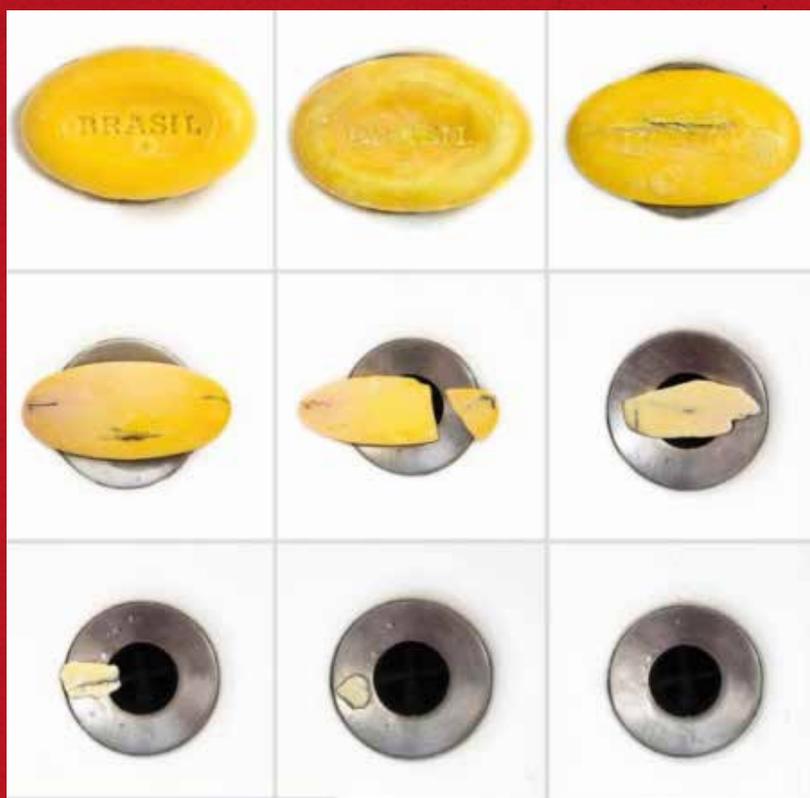
*Jeferson Medeiros, **Coberto**. 2020, feltro costurado.*

“Fantasmas da Esperança” de Marcela Cantuária revela uma pintura com as formas da bandeira do Brasil, porém, tem como ponto central a narrativa avessa da história tida como oficial. Os protagonistas são pessoas que estiveram na clandestinidade, foram torturadas e mortas durante a ditadura civil-militar; e o verde foi substituído pelo vermelho, uma vez que o significado de Brasil, no tupi-guarani, é vermelho feito brasa.

A “Bandeira Nacional” (2021) de Desali se compõe de 504 esponjinhas verde-amarelas usadas na pia da cozinha e é sustentada por 6 limpadores de chão. Já a versão da bandeira de Jefferson Medeiros chama-se “Cobertor” (2020) e é composta por tecido de feltro.

Medeiros chama-se “Cobertor” (2020) e é composta por tecido de feltro.

Vimos, também, a bandeira de Abdias Nascimento (1970) que trocou o lema positivista “ordem e progresso” por “okê, okê, okê, okê”, saudação a Oxossi; o “Brasil” da Marília Scarabello é feito de sabonete e vai se dissolvendo e indo embora pelo ralo; e a “Bandeira de Farrapos” (1993) de Martha Niklaus é feita inteiramente com roupas descartadas por moradores de rua.

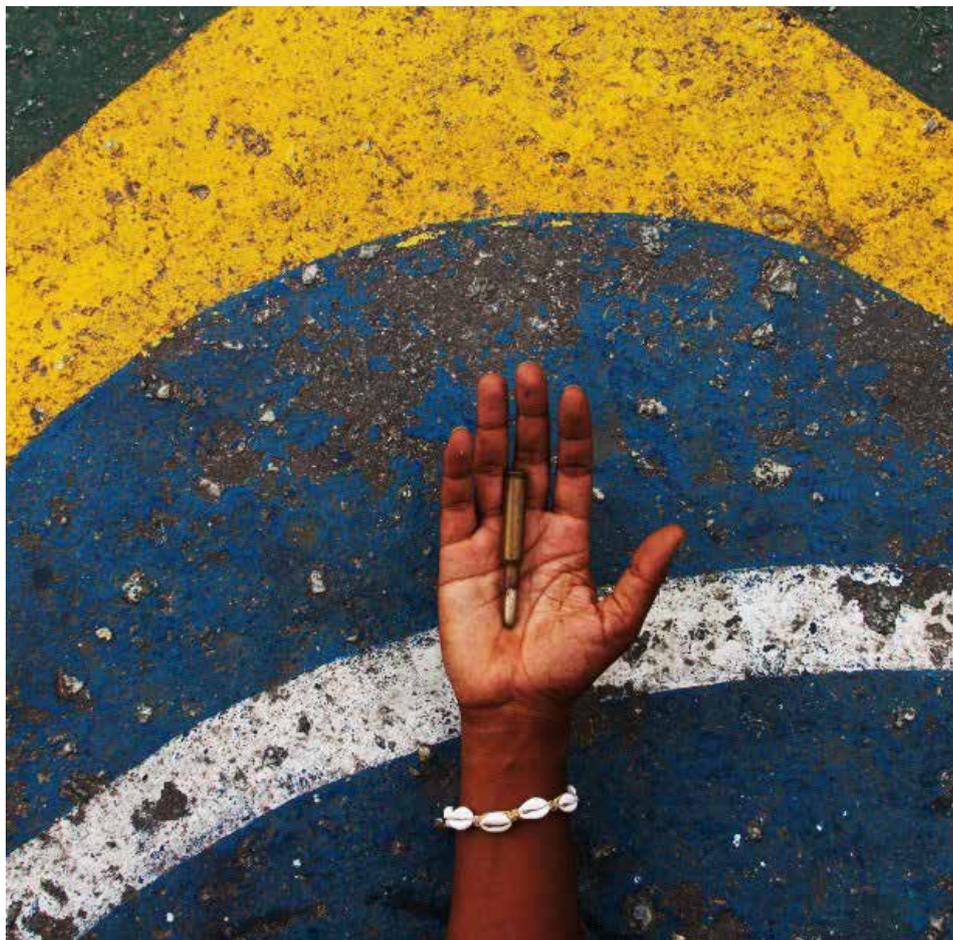


Marília Scarabelo, Brasil, 2021, fotografia digital.

Vimos, também, a bandeira de Abdias Nascimento (1970) que trocou o lema positivista “ordem e progresso” por “okê, okê, okê, okê”, saudação a Oxossi; o “Brasil” da Marília Scarabello é feito de sabonete e vai se dissolvendo e indo embora pelo ralo; e a “Bandeira de Farrapos” (1993) de Martha Niklaus é feita inteiramente com roupas descartadas por moradores de rua.

Todas essas obras sugerem outros sentidos e reflexões ao que se constitui como símbolo oficial do povo brasileiro. Por fim, dialogamos sobre uma fotografia da série “Aceita?” (2014), de Moisés Patrício, em que a palma da mão esquerda do artista se estende para oferecer uma bala de munição sendo que o fundo da imagem tem uma pintura da bandeira do Brasil no chão de asfalto. A fotografia e o gesto são uma crítica ao racismo estrutural em território brasileiro.

A nossa insígnia teve como destaque os três temas debatidos na Oficina de Arte e Ativismo durante todo o ano de 2022, são eles: feminino e feminismo na arte; raça e etnia na arte e; questões LGBTQIAP+ na arte. Logo, a nossa bandeira brasileira ressignificada se dividiu em quatro partes dedicadas às mulheres, aos negros, aos indígenas e à comunidade LGBT. Homenageamos corpos e vozes que nos inspiram a refletir sobre outras narrativas; “gentes” que questionam os discursos e estruturas de poder e agem por um Brasil que valorize a diversidade de seu povo. Nomes como Marielle Franco, Carolina Maria de Jesus, Milton Santos, Matheusa Passareli, Kerexu Yxapyry, Ailton Krenak, Sônia Guajajara, entre outros foram saudados.



*Moisés Patrício,
série “Aceita?”,
2014, fotografia
digital.*

*Alfredo Jaar
com frase
de John Cage,
Outras pessoas pensam,
cartaz-obra, 2021.*



A ideia principal é visibilizar corpos individuais e coletivos, os quais são os mais acometidos por violências estruturais nesse país, pelo machismo, patriarcado, racismo, homofobia, transfobia e aporofobia (aversão aos pobres). No centro da bandeira substituímos o “ordem e progresso” por “outras pessoas pensam” de John Cage, cartaz-obra impressa pelo fotógrafo Alfredo Jaar na exposição “Lamento das Imagens” (2021), que fala sobre a necessidade de incluir o outro, reconhecer o pensamento do outro e sua subjetividade. Na época do texto, Cage refletia sobre a necessidade de reconhecer os outros, sujeitos apagados pelo sistema colonizador, patriarcal, europeu e ocidental.

O ato do Coletivo CACAU neste dia 19 de novembro foi estender a nossa versão da bandeira com o intuito de criar um espaço de diálogo sob o lema de que **OUTRAS PESSOAS PENSAM.**



Trabalho de elaboração e montagem da Bandeira do Coletivo Cacau na Oficina de Arte e Ativismo do OPOCA.



Trabalho de elaboração e montagem da Bandeira do Coletivo Cacau na Oficina de Arte e Ativismo do OPOCA.



*Bandeira finalizada,
2022.*

Por fim, nós, enquanto Coletivo CACAU e OPOCA, reforçamos o repúdio às manifestações que aludem ao fascismo e nazismo porque acreditamos que essas simbologias carregam a memória histórica de genocídios raciais e étnicos do século XX e seguem ferindo as vidas que habitam o século XXI, inclusive vidas são-miguelenses.

Sugestões de leituras complementares

***/“Índios, negros e pobres”*: como a arte ressignificou a bandeira do Brasil.**

***/9 artistas* que ressignificaram a bandeira do Brasil nos últimos anos.**

***/Dia da Bandeira*: 10 coisas que você talvez não saiba sobre o símbolo brasileiro.**

/Qual o significado da bandeira do Brasil Império e por que ela foi apropriada por bolsonaristas.

Clique nos títulos para redirecionar aos links :)

1.8

MURAL NA ESCOLA MARIA FRANCISCA

PROJETO DE MURALISMO DA OFICINA
DE “ARTE E ATIVISMO”, MEDIADA POR
DÉBORA FERNANDES

Texto por Débora Fernandes



*Pintura do Mural
na Escola Arrivabene.
Foto de Débora Fernandes.*

Parte do Mural da Escola Estadual Maria Francisca Arrivabene.



Oficina de Arte e Ativismo, que acontece semanalmente na Casa OPOCA, possui uma proposta de extensão na Escola Estadual Maria Francisca Deoclécio Arrivabene, assim, todas as quartas-feiras, desde maio de 2022, houve atividades mediadas por Débora Fernandes no clube juvenil de grafite na escola. Durante esses meses, atuamos para a criação de um grande mural no pátio, espaço de 53 metros quadrados que delimita a quadra esportiva. Trabalhamos por etapas, primeiro vimos um acervo de referências do muralismo, como: Os Gêmeos, Eduardo Kobra, Basquiat, Banksy, Mag Magrela, Rimon Guimarães, Criola, Soberana Ziza, Daiara Tukano, entre outros. Após debater sobre as diversas maneiras de criar e as reflexões destes artistas, escolhemos o nosso tema que dialoga com todos eles: a diversidade cultural com foco em personalidades resistentes da cultura brasileira e do mundo.

Adiante, iniciou a fase de elaboração do projeto, cada participante da oficina elaborou o seu protótipo do mural. Nessa fase fomos conversando e reelaborando as formas e ideias dos desenhos. Chegamos, então, à premissa de compor quatro núcleos, o primeiro com corpos negros, o segundo com corpos indígenas, o terceiro com corpos LGBTQIAP+ e o quarto com corpos de mulheres estrangeiras, todas pessoas que marcaram o Brasil e o mundo com suas histórias de luta.



*Projeto do Mural
da Escola Estadual
Maria Francisca Arrivabene.*

*Pinturas do Mural da
Escola Estadual Maria
Francisca Arrivabene.
Fotos de Débora Fernandes.*



Após todos finalizarem seus projetos, conversamos sobre cada um dos trabalhos, os participantes expuseram suas reflexões por trás dos desenhos. Surgiu, então, uma lista de doze personalidades para integrar o mural, são pessoas que reforçam a ideia de diversidade cultural, pois manifestam seus pensamentos e lutas em nossa sociedade. São eles: a escritora autodidata e negra Carolina Maria de Jesus, o geógrafo Milton Santos, a socióloga e defensora dos direitos humanos Marielle Franco, a artista e ativista transexual Matheusa Passarelli, o líder indígena e ambientalista Ailton Krenak, a líder indígena e política Sônia Guajajara, uma criança negra, uma jovem indígena Pataxó e uma mulher distante dos padrões sociais, por fim, na dimensão internacional escolhemos a artista mexicana e ativista das lutas das mulheres Frida Kahlo, a jovem ativista afegã que luta pela educação feminina Malala Yousafzai e a jovem judia que denunciou e foi vítima do holocausto Anne Frank. A princípio íamos fazer uma mulher girafa da comunidade Karen da Tailândia, elas utilizam argolas de metal no pescoço, porém, como não se sabe o motivo exato dessa tradição, consideramos prudente reavaliar, foi aí que trocamos pela Anne Frank.

Na próxima etapa, Júnior Heitkoeter, artista e educador com experiência em muralismo, criou a unidade entre todos os desenhos para que pudéssemos conceber uma composição mais harmônica. Eu, Débora, fiquei responsável por criar o fundo, onde me baseei em relevos geográficos, pois aludem à composição geológica da terra e às tantas camadas culturais do mundo, assim, surgiram as montanhas em tons terrosos como base do projeto.

Do dia 18 a 28 de novembro estivemos envolvidos com a criação do mural, traçamos as medidas no muro, o dividimos em quadrados de 1m conforme a escala e transferimos os desenhos, essa foi outra etapa com direcionamento do Junior Heitkoeter.

Após desenhado todo o projeto no muro, começamos a etapa de mistura das cores, dividimos a tinta branca em pequenas porções para colorir com os pigmentos concentrados. No dia 22 de novembro, iniciamos a pintura que se estendeu até o dia 28 de novembro.

Dia a dia fomos pintando a grande extensão do muro. Por fim, o assinamos como criação do Coletivo CACAU.



Pinturas do Mural da Escola Estadual Maria Francisca Arrivabene. Fotos de Débora Fernandes.

1.9

MURAL NO IEAOU

No dia 28 de setembro, o Coletivo CACAU que compõe a Oficina de Arte e Ativismo se reuniu no Instituto Ecológico dos Artistas Orgânicos e Ultrassociais (IEAOU) em São Miguel Arcanjo/SP, para uma conversa acerca das iniciativas da entidade que giram em torno da permacultura e agricultura biodinâmica mescladas à arte, uma comunhão que valoriza as relações com a terra e o cultivo de comida de qualidade, tudo isso em íntimo contato e conexão com a Mata Atlântica. Fomos recebidos por Raphael Arcanjo e Marit Scheibe, agricultores e artistas idealizadores do projeto.

Texto por Débora Fernandes



*Conversa no
Instituto IEAOU.*



O IEAOU está em fase de organização para o seu ato inaugural que envolverá produtores de frutas nativas, agricultores locais, artesãos, entre outros perfis. Para dar cara nova ao espaço, os idealizadores convidaram o Coletivo CACAU para fazer a fachada do Instituto. Com foco na criação do mural, nosso diálogo foi sobre as **possibilidades de símbolos que iriam ser representados no projeto, em especial: as abelhas, o cambuci, a palmeira juçara e a figura do agricultor.**

Nessa mesma conversa, realizei a mediação de alguns trabalhos poéticos de Gustavo Caboco (<https://caboco.tv/>), artista indígena que une a arte e a terra. Ponderamos sobre as relações entre indígenas e a terra, entre produtores de alimentos e a terra, entre os elementos da natureza e a nossa vida. No final do encontro no IEAOU, nossos participantes foram convidados a degustar suco de cambuci, mel de abelha jataí e pipoca com milho orgânico e, também, participaram de uma roda de percussão corporal com o Raphael Arcanjo que é músico.



Trabalhos poéticos de Gustavo Caboco.

Adiante, nos dois próximos encontros da oficina, cada participante do CACAU se comprometeu a escolher, pesquisar e desenhar um elemento da Mata Atlântica para compor o mural. Em seguida, Junior Heitkoeter, artista e educador com experiência em muralismo, fez a junção dos fragmentos criando a composição final.

No projeto vemos o agricultor, a juçara, o cambuci, a abelha, a terra, as raízes, o sol e a água, entre outros elementos importantes da Mata Atlântica. A pintura do mural começou em 29 de novembro, Raphael Arcanjo nos recebeu com suco fresco e uma boa conversa sobre sementes. Em seguida, fizemos a medição, escala e desenho no muro. No dia 30 de novembro iniciamos a pintura propriamente dita que se estendeu até dia 03 de dezembro.

*Projeto do Mural
do Instituto IEAOU.*





*Pinturas do Mural
do Instituto IEAOU.
Fotos de Débora Fernandes.*



Assim, com reflexões sobre conexão com a terra e a floresta, germinou o quarto mural do Coletivo CACAU.

1.10 PROJETO EMERGÊNCIA

REDE CAIPIRA PARA SUSTENTABILIDADE

A Rede Caipira para Sustentabilidade atua para a segurança alimentar e nutricional em São Miguel Arcanjo através da organização e distribuição do excedente da média produção agrícola e do fortalecimento da pequena e familiar agricultura orgânica local com a garantia da compra semanal feita através de doações à Casa OPOCA. São 60 famílias que recebem semanal e quinzenalmente cestas com alimentos da agricultura de São Miguel Arcanjo.

Texto por Daniel Knob



Distribuição de alimentos orgânicos.

Terças, quartas e quintas são dias de receber os produtos da agricultura local. Nas quartas, são produtos orgânicos da agricultura familiar local vindos do bairro do Retiro. Terças e quintas chegam produtos de diversos produtores médios locais. Todo alimento é distribuído para as famílias do OPOCA.

A Rede Caipira para Sustentabilidade atua para a segurança alimentar e nutricional em São Miguel Arcanjo através da organização e distribuição do excedente da média produção agrícola e do fortalecimento da pequena e familiar agricultura orgânica local com a garantia da compra semanal feita através de doações à Casa OPOCA. São 60 famílias que recebem semanal e quinzenalmente cestas com alimentos da agricultura de São Miguel Arcanjo.

Do início da pandemia até o final de 2022, foram mais de 70 toneladas de alimentos arrecadados e distribuídos. A ação fortaleceu, ao mesmo tempo, a economia local e a segurança alimentar das comunidades são-miguelenses.

2. MOSAICO CULTURAL, A COMUNIDADE EM MOVIMENTO

Casa OPOCA abarca um mosaico cultural movido pela comunidade são-miguelense. Há Batuque das Mulheres, Culinária Tradicional Caipira, Capoeira, Oficina de Bateria de Escola de Samba com crianças e jovens, Encontros do Conselho Popular da Cidade, Grafite pelas paredes, artesãs e artistas locais na Loja Vivamarela, produtos da agricultura familiar e orgânica, produtos da média agricultura local, e uma gente de vários cantos, becos, campos, matas e centros da cidade que transmitem, em Rodas de Conversas, o que sabem sobre a realidade e a vida.



*Cozinha da Casa
na Casa OPOCA.*

2.1 Cozinha da Casa

Nas terças-feiras a cozinha movimentou oficinas de pães artesanais, receitas de Maria José Almeida e Junior Heitkoeter. O Conselho de Mães e de Jovens do OPOCA participam das oficinas e/ou colabora na comercialização dos alimentos, que são vendidos na loja Vivamarela. Além do pão, que acontece toda semana, já houve receitas de bolinho de frango, mingau de milho verde, sonho doce e coxinha, dentre outras iguarias preparadas também pela Cida Fernandes e pelo Chef Júnior, que vinha de Campinas, do Restaurante D'autore – Grupo Dama, para ensinar suas receitas.

Os pães artesanais eram vendidos todas as terças-feiras na Casa OPOCA e as oficinas de culinária caipira são sempre abertas. Siga a Casa OPOCA nas redes sociais para acompanhar a agenda de atividades.



2.2 Mulheres no Batuque

O Projeto “Mulheres no Batuque”, representa a frente feminina da tradicional Escola de Samba são-miguelense “Zô Livre”, criada em 1975. O principal intuito do Projeto é o de movimentar e diversificar a cena da percussão e do carnaval por meio do acesso do gênero feminino e da comunidade LGBTQIAPN+ aos instrumentos percussivos e à manifestação cultural do carnaval local.



*Ensaio
Mulheres no
Batuque
na Casa OPOCA.*

O grupo se destaca por trazer em sua essência a diversidade de expressões culturais ligadas aos grupos socialmente vulneráveis, como mulheres, crianças e adolescentes, e comunidade LGBT-QIAPN+, bem como também se caracteriza como grupo artístico-cultural, ligado às linguagens da música, poesia, e de aspectos centrados na valorização do patrimônio cultural imaterial local.



Concentração das Mulheres no Batuque na Casa OPOCA.



*Oficina de
Capoeira na
Casa OPOCA.*

2.3 Capoeira

Nas terças-feiras aconteceram aulas de capoeira com o professor Eliel Sodré. Das 19h às 20h, as aulas eram para crianças; das 20h às 21, para jovens e adultos. A Oficina de Capoeira faz parte do Projeto Cidade Escola. Houve, em muitos encontros, uma organização de mães da Casa OPOCA para movimentar a Cozinha e preparar pães, bolos e sucos para as crianças da Oficina.



Reunião do Conselho Popular da Cidade na Casa OPOCA.

2.4 Conselho Popular da Cidade

Nas últimas quintas-feiras de cada mês aconteceram os Encontros do Conselho Popular da Cidade. Nesse dias a Casa OPOCA abre esse espaço para a comunidade são-miguelense pensar São Miguel Arcanjo. O Conselho Popular da Cidade é um espaço permanente de encontros para refletir, conversar e debater a cidade, suas violências, belezas, desigualdades e potencialidades para elaborar, em comunidade, alternativas à São Miguel Arcanjo.

Quem pensa a cidade? Você, mãe, mulher, criança, jovem, trabalhador/a com ou sem carteira, trabalhadora sazonal, desempregado, professor/a? A gente entende que a gente, comunidade são-miguelense, precisa fazer esse esforço de reflexão e levar para a sociedade e para a política institucional soluções para as violências que pesam sobre os nossos corpos, territórios e sobre todos os seres que habitam esses nossos espaços. Os encontros aconteceram nas últimas quintas-feiras do mês, das 17:30h às 19:30h, na Casa OPOCA.



Reunião do Conselho Popular da Cidade na Casa OPOCA.

2.5 Oficina de Batuque

Aos sábados, das 9h às 10h na Escola Estadual Nestor Fogaça, aconteceram as Oficinas de Batuque voltadas à formação para bateria de escola de samba, mediada pelo professor Anderson Nunes Rato. A oficina, uma continuação do Projeto Faz Parte Desse Nosso Carnaval, pertence ao projeto Nenhuma e Nenhum a Menos e é uma parceria do OPOCA, da Escola Estadual Nestor Fogaça e do professor de música Anderson Nunes Rato.



*Oficina de Batuque
na Nestor Fogaça.*

2.6 Vivamarela

O Projeto “*Vivamarela, um laboratório de economia criativa*”, é uma loja colaborativa da Casa OPOCA que objetiva a geração de renda para a comunidade, mães, jovens, artistas, cozinheiras e organizações sociais através da criação, da produção e da venda de artigos do OPOCA e parceiros num desafio de desenvolver uma alternativa econômica que não busca apenas garantir os meios de subsistência, mas também a reprodução e o desenvolvimento de modos de vida e de produção comprometidos com os outros, com o coletivo, com a comunidade e com a natureza.



Camisetas da Loja Vivamarela. Fotos de Gabriely Almeida.



*Festa dos Opoquinhos
Fotos de Débora Fernandes*

2.7 Festa dos Opoquinhos

A Festa dos Opoquinhos foi idealizada e organizada pelo Conselho de Mães do OPOCA, partindo da Silvia, moradora da comunidade do Jardim São Carlos que envolveu as demais mulheres Amanda, Viviane, Sônia, Maria José e Liana, e o Conselho de Jovens do OPOCA.

O evento aconteceu no Galpão OPOCA, um espaço do Observatório Popular Cidade do Anjo próximo à comunidade que ocupou o local. A festa contou com comes e bebes, brinquedos de diversos tipos, capoeira, contação de histórias, pintura facial feita pelos jovens do Coletivo Cacau e mais de 200 pessoas que passaram o dia das crianças em mais essa ação coletiva do Observatório Popular Cidade do Anjo.



*Festa dos Opoquinhos
Foto de Débora Fernandes*

2.8 Ação: Uma Cidade à Beira da Floresta

A ação “Uma cidade à beira da floresta” movimenta pessoas da cidade para conhecer e observar a fauna e flora do Parque Estadual “Carlos Botelho”. Através do trabalho especializado da Agência de turismo Monkey Safari, é possível vivenciar uma experiência rara, observar o maior primata das Américas e maior restaurador da floresta, o muriqui do Sul, também conhecido como Mono Carvoeiro, que está criticamente ameaçado de extinção. Essa ação proporciona um trabalho de educação ambiental in loco, além de trazer o sentimento de pertencimento e cuidado de um lugar e também a possibilidade de formação de guias de turismo locais. Contamos com a parceria entre Parque Estadual Carlos Botelho, Agência Monkey Safari e Casa OPOCA.



Observação de Muriquis do Sul

CONHEÇA, COLABORE E FINANCIE A CASA OPOCA

Una -se à Casa OPOCA e fortaleça esse espaço de afirmação da vida humana.

Com o seu apoio, a gente consegue manter uma agenda diária com projetos culturais, sociais, políticos e ambientais que envolvem crianças, jovens, mães e comunidades de São Miguel Arcanjo, interior de São Paulo, Brasil.

[https:// opoca.org /financie/](https://opoca.org/financie/)



OBSERVATÓRIO POPULAR
CIDADE DO ANJO

ASAS

PATROCÍNIO



APOIO INSTITUCIONAL



PARCERIAS INSTITUCIONAIS



UPEA



[https:// opoca.org /parcerias/](https://opoca.org/parcerias/)